

CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM GATOS BRANCOS: IMPORTÂNCIA DA BIÓPSIA E EXAME HISTOPATOLÓGICO

Eduarda Alves Melquiades¹

Camilly Vitória Gonçalves da Silva²

Nathalya Madureira de Jesus²

Larissa Souza Pimentel²

Lucas de Souza Quevedo³

O carcinoma de células escamosas (CCE) representa a neoplasia cutânea de maior prevalência em felinos, com uma predisposição por indivíduos com deficiência ou ausência de melanina. A etiologia está diretamente associada à exposição crônica à radiação ultravioleta (UV), que promove a carcinogênese nas áreas de pele com baixa proteção pilosa, como orelhas, pálpebras e plano nasal. A ausência de melanina nestas regiões compromete a proteção natural, tornando os queratinócitos altamente suscetíveis ao dano celular fotoinduzido. Neste contexto, o presente estudo visa destacar, com base em evidências científicas, a importância da biópsia e do exame histopatológico como pilares para o diagnóstico e o manejo clínico do CCE, foi realizada uma pesquisa nos bancos de dados PubMed e SciELO, contemplando publicações entre 2020 e 2024. Foram selecionados 10 documentos relevantes, com ênfase em estudos que abordaram fisiopatologia, fatores de risco, manifestações clínicas, métodos diagnósticos e condutas terapêuticas relacionadas ao CCE em felinos. Esta enfermidade se inicia com lesões eritematosas e descamativas. A progressão da doença leva à formação de úlceras crônicas e não cicatrizantes, acompanhadas por necrose e destruição tecidual. Essas alterações, mais comuns no pavilhão auricular, plano nasal e pálpebras, resultam em sérios prejuízos funcionais e estéticos. Porém, a suspeita clínica por si só é insuficiente para o diagnóstico. A biópsia é considerada como o exame padrão-ouro para o diagnóstico, pois ajuda a diferenciar o CCE de outras doenças de pele. A análise histopatológica após a biópsia é crucial, pois não apenas confirma a natureza neoplásica, mas também fornece informações essenciais para o estadiamento e o prognóstico. Através da histopatologia, é possível avaliar o grau de diferenciação celular e a profundidade da invasão, fatores-chave para classificar o tumor e

¹ Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros-UNIFIMES (eduardamelquiadesacademico@gmail.com)

² Discentes do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros-UNIFIMES

³ Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros-UNIFIMES

definir a estratégia terapêutica mais eficaz. A presença de "pérolas de queratina" e a infiltração de células poligonais no estroma são achados microscópicos típicos que confirmam a malignidade e guiam a escolha entre opções como excisão cirúrgica, criocirurgia ou radioterapia. A precisão diagnóstica oferecida por esses procedimentos evita tratamentos ineficazes, os quais podem agravar o quadro e resultar em custos desnecessários a longo prazo. Um diagnóstico tardio ou equivocado do CCE pode levar à necessidade de cirurgias mais invasivas, como a ablação completa do pavilhão auricular, que, embora curativa, afeta a qualidade de vida e a estética do animal. A biópsia excisional, quando realizada de forma precoce, permite a remoção completa do tumor com margens cirúrgicas limpas, o que está diretamente associado a um menor risco de recidiva local, conforme evidenciado em diversas publicações. O planejamento terapêutico guiado por dados histopatológicos otimiza os recursos e maximiza as chances de sucesso do tratamento. Em síntese, a biópsia e o exame histopatológico são ferramentas indispensáveis no manejo do carcinoma de células escamosas em felinos. A adoção desses exames permite um diagnóstico preciso, orienta a tomada de decisão terapêutica e contribui para um prognóstico mais favorável, consolidando sua posição como componentes essenciais da prática oncológica veterinária e garantindo uma abordagem mais eficaz e humanitária.

Palavras-chave: Neoplasia Cutânea. Lesões Cutâneas. Patologia Clínica. Fotossensibilização. Felino.